

A APOCRIFICIDADE COMO CRITÉRIO HERMENÊUTICO

The apocricity as a hermeneutic criteria

Prof. Dr. Marcelo da Silva Carneiro¹
Faculdade de Teologia de São Paulo

RESUMO

O estudo dos textos pseudepígrafos e apócrifos têm crescido bastante nas últimas décadas, mas em grande parte sendo considerados como textos inferiores ou não tão importantes quanto os canônicos. O presente artigo tem como perspectiva a possibilidade de mudar a forma de lidar com esses textos a partir do conceito de apocrificidade. Começando pelo estudo realizado por Matthias Henze e publicado no Brasil a partir da pesquisa do Grupo Oracula, faremos uma análise de pressupostos para a leitura destes materiais, bem como as contribuições que eles podem trazer para a compreensão dos textos e do mundo onde conviveram judaísmo antigo e cristianismo primitivo. Por fim, faremos uma proposta de hermenêutica tendo a apocrificidade como chave de leitura.

PALAVRAS-CHAVE: Pseudepígrafos – Apócrifos – Canônicos - Hermenêutica

ABSTRACT

The study about the Pseudepigrapha and Apocryphal written has considerably growing in the last decades, but largely are still account as minors or not as important as the canonical texts. The present article proposes as perspective the possibility of changing the way how we see these texts since the Apocryphicity concept. Starting with the Matthias Henze study's, published at Brazil from the Grupo Oracula research, we make an analysis about the assumption for these written reading, as well as the contribution that they bring to texts and world understanding what Ancient Judaism and Early Christianity live together. At the end, we will make a hermeneutical propose, with the Apocryphicity as reading key.

KEYWORDS: Pseudepigrapha – Apocryphal – Canonical – Hermeneutics

Desde que Ireneu de Lião (séc. 2 d.C.) afirmou que os outros grupos cristãos – em especial os gnósticos – produziam “interminável multidão de escritos apócrifos e falsos que eles mesmos compuseram para causar impressão aos simples e aos que não conhecem as

¹ Doutor em Ciências da Religião (UMESP), docente da FATIPI (Igreja Presbiteriana Independente). Formado em Teologia pelo Instituto Metodista Bennett (1998), Mestre em Teologia pela PUC-RJ (2006) e Doutor em Ciências da Religião pela UESP (2014). Docente desde 1998 em disciplinas gerais da área de Ciências Humanas, e desde 2003 na área da Teologia, especialmente no Novo Testamento, como introdução, passando pela exegese, teologia e hermenêutica. Autor dos livros: Os Evangelhos Sinóticos. Origens, memória e identidade (Fonte Editorial, 2016), Manual de Angeologia (Fonte Editorial, 2017). Membro do grupo da Revista Estudos Bíblicos do Rio de Janeiro. Pesquisador do Grupo Oracula (UMESP) pesquisando o Cristianismo Primitivo. Membro da ABIB – Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica, da qual presidiu de 2013-2016. Teólogo Metodista.

letras da verdade”, em seu tratado *Contra as Heresias* 20,1, passou a vigorar entre os cristãos da linha mais ortodoxa muita desconfiança e até uma repulsa a qualquer texto que não tivesse a chancela dos bispos reconhecidos como lideranças autênticas da Igreja nascente. Após alguns séculos estes textos não só deixaram de se multiplicar, como foram expurgados do cenário cristão. Ainda assim, muitas das crenças e práticas do cristianismo medieval se deveram muito mais a estes escritos apócrifos do que ao cânon definido da Bíblia Cristã, com seus 72 livros na versão católica. Algo que merece atenção e análise da pesquisa.

No século 20, com as diferentes descobertas arqueológicas que mexeram com os fundamentos da análise textual e trouxeram à tona escritos antes só mencionados, muita coisa mudou. Os rolos da comunidade essênica de Qumran, denominados Manuscritos do Mar Morto, a biblioteca gnóstica de Nag Hammadi e os fragmentos de papiros descobertos em Oxirrinco, ambos no Egito, mostraram que havia todo um mundo de material escrito que precisava ser estudado e compreendido. Diante disso, levantou-se um novo e estimulante debate sobre a relação entre apócrifos judaicos e cristãos e os escritos canonizados. Esta relação pode ser a chave de interpretação para novas leituras e compreensão dos textos judaicos e cristãos antigos.

Num seminário promovido pelo Grupo Oracula, da Universidade Metodista de São Paulo, de 2015, o prof. Matthias Henze, do Texas, apresentou seu *paper* intitulado: “Como os pseudepígrafos do Antigo Testamento podem mudar o modo como lemos os textos judaicos antigos”², onde propôs aspectos importantes para pensar. A abordagem do professor focou os pseudepígrafos judaicos, mostrando dois aspectos que merecem atenção: (1) que os textos judaicos foram produzidos num cenário altamente plural e não normativo do judaísmo; (2) que o texto canônico do Antigo Testamento sozinho não pode ser considerado como matriz do Cristianismo, seja literariamente, seja em termos de imaginário. Por fim, o prof. Henze fez pensar na recepção desse material, considerando a diferença entre o texto propriamente de matriz judaica daquele que tem um verniz cristão. Essas afirmações nos levam a indagar se uma provável inversão na metodologia de leitura tanto de textos canônicos quanto de textos apócrifos faria sentido e até que ponto seria viável.

Nesse texto pretendemos indicar alguns caminhos para essa tarefa, considerando o conceito de apocrificidade como critério hermenêutico. Primeiramente vamos analisar alguns aspectos que se relacionam com as ideias de Matthias Henze, que publicou suas ideias no livro coletivo *Apocrificidade. O Cristianismo Primitivo para além do Cânon*, organizado por Paulo Augusto de Souza Nogueira, para então apontar os caminhos metodológicos.

² Título em inglês: “How do the Old Testament Pseudepigrapha Change the Way We Read Early Jewish Literature?”

Os textos pseudepígrafos como ponto de partida

Os textos da tradição judaica, denominados Pseudepígrafos, tornaram-se objeto de intensa investigação para compreender melhor o mundo do qual emergiu o cânon da Bíblia Hebraica e o próprio cristianismo inicial. Em sua abordagem sobre a questão, Matthias Henze explica inicialmente o que significa essa terminologia:

O termo “Pseudepígrafos” deriva do grego *pseudês*, que significa “mentiroso, não verdadeiro, falso”, e *epigrafê*, que significa “título [de uma obra]” ou “atribuição”. A palavra “pseudepigrafia” descreve, então, certa prática de composição textual difundida na Antiguidade tardia, segundo a qual um texto era falsamente atribuído a uma pessoa respeitada no passado. Em outras palavras, o texto afirma ter sido escrito por uma figura de alguma autoridade, geralmente um personagem do Antigo Testamento, ou ter sido redigido durante o tempo do Antigo Testamento, embora realmente tenha sido escrito muito mais tarde, por um autor desconhecido.³

Entretanto, Henze se posiciona a respeito desta terminologia, como problemática. Tanto o termo Antigo Testamento – por sua inferência cristã – quanto pseudepígrafos – pela seu pressuposto de textos falsos, indevidos, ou fraudulentos (NOGUEIRA, Idem). Ocorre, na verdade, que os textos canônicos da Bíblia Hebraica contém muitos casos de pseudepigrafia. Henze nos lembra de alguns deles: “Cerca de metade dos Salmos bíblicos é atribuída ao Rei David. O Livro dos Provérbios menciona diversos autores, entre eles o Rei Salomão. E Qohelet [Eclesiastes] e Daniel também são Pseudepígrafos do Antigo Testamento.”⁴ Essa percepção aguça o debate, ao mesmo tempo em que traz algumas dificuldades, especialmente para quem enxerga nos textos plena autoria desses nomes. No campo extracanônicos, podemos citar como exemplos de textos pseudepígrafos: *Testamento de Abraão*, *Testamento dos Doze Patriarcas*, *Odes de Salomão*, *Ascensão de Isaías*, *1 e 2 Enoque*, *História de Adão e Eva*, *3 e 4 Esdras*, etc. Importante notar que

O nome do autor fictício não representa meramente um indivíduo, mas uma tradição intelectual, bem como uma visão de mundo distinta: Enoque, por exemplo, passou a ser associado com o pensamento apocalíptico, Jeremias e seu escriba Baruque estavam ligados à destruição de Jerusalém e à experiência do exílio, Esdras é o escriba que simboliza o retorno do exílio e o foco renovado na Torá etc.⁵

³ HENZE, Matthias. **How do the Old Testament Pseudepigrapha Change the Way We Read Early Jewish Literature?** Some Programmatic Considerations. Handout da apresentação ao Seminário Oracula, Universidade Metodista de São Paulo, 2015. Texto não publicado, p.41

⁴ Idem, p. 42

⁵ HENZE, Matthias. **How do the Old Testament Pseudepigrapha Change the Way We Read Early Jewish Literature?** Some Programmatic Considerations. Handout da apresentação ao Seminário Oracula, Universidade

Na exposição de Henze sobre a relação entre os pseudepígrafos e os textos canônicos, em especial os textos judaicos tardios e o material cristão, ele indica três potenciais contribuições para os estudos atuais: a primeira contribuição está numa nova noção sobre o judaísmo antigo. Com a descoberta dos rolos do Mar Morto, bem como outros materiais pseudepígrafos, a ideia que se tinha de um judaísmo monolítico e moldado em torno dos rabinos e mestres, de uma forma normativa, caiu. Até mesmo a descrição de Josefo sobre três grupos judaicos mostrou-se simplista e até grosseira. Na verdade, o judaísmo antigo era bem mais complexo e diversificado, a ponto de Jacob Neusner afirmar, em 1981, “que não podemos mais falar do judaísmo no singular, mas que temos que falar de judaísmos, no plural”.⁶

A segunda contribuição apontada por Henze é que os pseudepígrafos demonstram que o Cristianismo emergiu do Judaísmo do Segundo Templo⁷, e não do Antigo Testamento⁸. Em sua consideração ele aponta o quanto as imagens referentes a personagens do antigo Israel têm muito mais relação com textos não canônicos do Segundo Templo do que com os canônicos. Sua exposição não clarifica a relação NT-AT, mas é de se considerar que Henze não está descartando o AT como fonte ou base para o NT, e sim ampliando o raio de influências literárias e de imaginário a que os primeiros grupos cristãos tiveram acesso.

Esse apontamento necessita ser feito para que não passemos de um extremo para outro. Tendo em vista as muitas citações e alusões do Novo Testamento que se referem ao Antigo Testamento canônico, não se pode desprezar sua influência. Entretanto, é plenamente aceitável que só o Antigo Testamento não dá conta de explicar as imagens de anjos, demônios, disputa sobre a Lei, expectativas messiânicas e a ressurreição como princípio escatológico. Isso significa, na verdade, que a formação do imaginário religioso do primeiro século, dentro dos diferentes grupos judaicos, dentre eles os seguidores de Jesus, não estava atrelado a alguma espécie de ortodoxia. Henze explica:

Os autores cristãos primitivos que nos deram os escritos do Novo

Metodista de São Paulo, 2015. Texto não publicado, p. 42-43

⁶ Idem, p.54. Em minha tese doutoral trabalhei com esta questão, analisando a identidade judaica no primeiro século. Ali trabalhei não só com a ideia de um judaísmo plural, como também de um judaísmo em diálogo com o helenismo, seguindo a pesquisa de Martin Hengel. Para aprofundar ver CARNEIRO, Marcelo. **Os Evangelhos Sinóticos**. Origens, memória e identidade. São Paulo: Fonte Editorial, 2016.

⁷ Segundo Templo refere-se ao período do templo pós-exílico, construído (ou reformado, segundo a historiografia oficial do Antigo Testamento) no tempo da administração de Zorobabel (520-515 a.C.), e que permaneceu ativo até o ano 70 d.C., quando foi queimado pelos romanos durante a invasão de Jerusalém em meio à revolta judaica. Esses séculos, que testemunharam os domínios dos persas, gregos e romanos, foram essenciais para o surgimento de diversos grupos judaicos, muitos deles de cunho apocalíptico. Entre esses grupos podemos incluir os cristãos.

⁸ NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. **Apocrificidade**. O Cristianismo Primitivo para além do Cânon. São Paulo: Fonte Editorial, 2015. p. 52

Testamento, incluindo Paulo e os evangelistas, mas também alguns dos outros escritores, simplesmente tomam o ambiente e cultura judaicos como algo dado quando escrevem sobre Jesus. Para eles isso é autoevidente, e só raramente é que voltam atrás e explicam um costume ou crença do mundo judaico.⁹

Dois exemplos apontados por ele demonstram essa questão em aspectos que não estão relacionados ao Antigo Testamento: o exorcismo de demônios em diversos momentos da narrativa de Marcos e demais sinóticos, e a crença escatológica na ressurreição. Da forma como estes dois temas são trabalhados, transparece um contato com literaturas pseudepígrafas, como *1 Enoque*, o *Livro dos Jubileus* ou *O Testamento dos Doze Patriarcas*, obras que descrevem não só a origem dos demônios, como também indicam sua atuação e a forma como devem ser combatidos. Ao que tudo indica, os cristãos da primeira hora liam ou no mínimo conheciam de ouvir estas obras extracanônicas, e delas faziam uso de forma direta ou indireta.

Uma terceira contribuição, segundo Henze, é a forma como os pseudepígrafos podem fazer a diferença quanto “à origem e transmissão da literatura judaica antiga e os papéis desempenhados pelos judeus e cristãos primitivos no processo”¹⁰. Os indícios textuais apontam que os cristãos se interessavam muito mais por este material do que os próprios judeus, o que trouxe à tona a desconfiança de que muitos pseudepígrafos tiveram uma edição cristã. Alguns textos apontam para esta possibilidade, como indica Helmut Koester, comentando os *Oráculos Sibilinos*. É um material escrito em grego que data do período persa, helenístico e imperial romano, de cunho judaico e pagão, mas cuja redação que se tem acesso parece ter sido elaborada por um redator cristão (KOESTER, 2005, I, p. 267). Por isso mesmo, alguns critérios mais rigorosos foram estabelecidos para que um pseudepígrafo seja considerado realmente judaico e não uma obra cristã:

- (1) Conteúdo judaico substancial e evidência de data pré-cristã; (2) evidência condizente de que a obra foi traduzida do hebraico; (3) preocupação simpatizante com o culto ritual judaico (por exemplo, o sacerdócio, a pureza ritual, etc.); (4) preocupação simpatizante com a lei judaica, a Torá, e a *halakha*; (5) preocupação com os interesses étnicos e nacionais judaicos. (HENZE in: NOGUEIRA, p.59)

Um aspecto a ser considerado a partir das premissas de Henze é a necessidade de colocar os escritos não canônicos ao lado dos canônicos num olhar sem hierarquização, que permita um estudo mais profundo para perceber as mútuas influências e transmissão de tradições que perpassam o NT. Para tanto, deve-se pensar que os textos foram produzidos

⁹ Ibid., p. 55

¹⁰ Ibid., p. 57

numa grande rede textual onde ideias, conceitos e crenças interagiam com fluidez, sem que houvesse um mecanismo centralizador controlado por alguma instituição formal. Aliado a essa possibilidade temos ainda que pensar na interferência gerada na recepção dos textos, por exemplo, a interferência dos cristãos em textos judaicos antigos, como visto acima.

Entretanto, essa constatação, apesar de real e comprovável, não implica necessariamente numa imposição de uma religião sobre outra. Ela pode representar, na verdade, uma hermenêutica de um grupo que se considerava legitimamente herdeiro desse material, tanto quanto os textos que foram canonizados. Além disso, é quase impossível determinar que grupo é esse que efetivamente interferiu no texto, o que torna mais difícil entender ou definir como se dava essa relação intertextual e extratextual.

Por fim, em relação à dificuldade de estabelecer uma metodologia adequada para estudar lado a lado canônicos e não canônicos, é interessante ver casos de trabalhos que já foram realizados ou estão em andamento. No livro de John Dominic Crossan, *O Nascimento do Cristianismo*, é possível perceber uma abordagem metodológica nesta linha quando, analisando a oralidade na história da Paixão, ele faz uso não apenas dos evangelhos canônicos como trabalha também com o Evangelho de Pedro. Nesse aspecto ele não estabelece uma hierarquia de importância, levando em conta na verdade a estratificação dos textos¹¹. Mais à frente voltaremos ao material de Crossan.

Os apócrifos cristãos e a apocrificidade como princípio de aproximação

A descoberta de ampla biblioteca gnóstica em Nag Hammadi, bem como de outros materiais que foram considerados espúrios pelos Pais da Igreja mostra que os escritos cristãos não canônicos viveram uma história um tanto diferente dos pseudepígrafos. Nem por isso devem ser desconsiderados nesta análise, pelo contrário, podem apontar algo que muitas vezes nosso olhar não percebe, pois enxerga o cristianismo inicial como um movimento monolítico, assim como a ideia que se fazia do judaísmo.

Tecnicamente falando, os apócrifos são idênticos aos pseudepígrafos: textos atribuídos a autoridades antigas, com conteúdo novo ou diferente de outros. Existem textos de Paulo, Pedro, Tiago, etc. Entretanto, a terminologia identifica ou distingue justamente a fonte: pseudepígrafos para os textos judaicos tardios, apócrifos para os textos cristãos não canônicos.

Os apócrifos cristãos contém outra peculiaridade. Muitas vezes o que está em jogo,

¹¹ CROSSAN, John Dominic. *O Nascimento do Cristianismo*. O que aconteceu nos anos que se seguiram à execução de Jesus. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 92-98

além do autor é o gênero literário utilizado. Em geral utilizam gêneros já conhecidos, mesmo com autores que não têm obras canônicas. Existe uma diversidade de evangelhos conhecidos (*Evangelho de Pedro, Evangelho de Filipe, Evangelho de Maria Madalena, Evangelho de Judas*, etc.), muitos Atos dos Apóstolos (*Atos de Tomé, Atos de Paulo e Tecla, Atos de João, Atos de Pedro*, etc.), além de apocalipses (*Apocalipse de Pedro, Apocalipse de Paulo, Apocalipse de Tomé*, etc.). Não há registros de epístolas apócrifas, gênero que foi bastante apreciado pelos Pais da Igreja que escreveram diversas cartas a diferentes comunidades.¹²

Se levarmos em conta dois princípios: de que o judaísmo antigo era plural; e de que o cristianismo veio da matriz judaica, inclusive com sua tendência plural, podemos pensar que os apócrifos representavam não textos que, a priori, queriam questionar o status quo institucional cristão, mas apresentar outras interpretações para o evento Cristo e a natureza do ser cristão no mundo. Sobre isso, Paulo Augusto Nogueira e Valtair Miranda podem nos ajudar a evidenciar a questão.¹³

Paulo Nogueira aponta, em primeiro lugar, dois pressupostos a respeito dos apócrifos que se tornam um obstáculo para estudá-los com a isenção que se pretende aqui: primeiro, “os apócrifos se constituem numa espécie de coleção complementar, um cânon alternativo, para o estudo do cristianismo primitivo junto com o Novo Testamento”¹⁴. Essa premissa parte de um conceito de cânon, que Nogueira considera “anacrônica” e que precisa ser “questionada e desconstruída nos estudos bíblicos”¹⁵. Essa ideia crítica é compartilhada por Valtair Afonso Miranda, que explica a questão:

Algumas categorias, certamente, não nascem com os textos. Seus autores não decidiram escrever um texto “canônico” em vez de um “texto apócrifo”, ou uma obra neotestamentária em vez de uma veterotestamentária. Elas lhe foram impostas em algum momento posterior por leitores no processo de relacionar os livros da comunidade, sendo úteis na tarefa de diferenciar e estruturar textos religiosos.¹⁶

O segundo pressuposto de Nogueira faz referência é o de que os apócrifos dão acesso a um tipo de cristianismo alternativo, marginal, que se opõe ao cristianismo oficial. Nogueira

¹² Exceção é o caso de *3 Coríntios*, epístola aparentemente escrita por Paulo como resposta à *Epístola dos Coríntios a Paulo*, mas que consta dos *Atos de Paulo*, como material inserido nele e não como livro divulgado em separado.

¹³ Ambos trabalharam no material **Apocrificidade**. O Cristianismo Primitivo para além do Cânon (Fonte Editorial, 2015), o que ampliou a discussão iniciada por Matthias Henze. Paulo Augusto de Souza Nogueira, além de organizar a obra, escreveu o capítulo “Apocrificidade: os apócrifos cristãos no estudo do Cristianismo Primitivo”. Valtair Afonso Miranda foi autor do capítulo “Categorias e Fontes no Estudo do Cristianismo Primitivo”.

¹⁴ NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. **Apocrificidade**. p. 21

¹⁵ Ibid., p.23

¹⁶ Ibid., p. 85

explica o motivo dessa pré-compreensão: “Essa afirmação parte do pressuposto, profundamente vinculado a nossa imaginação histórica, de que o cristianismo primitivo, de onde se origina a igreja antiga, equivale ao Novo Testamento e que práticas e crenças alternativas, ou heterodoxas, podem ser estudadas nos textos apócrifos”¹⁷. Mesmo parecendo ser uma abordagem aberta aos apócrifos, de fato esta concepção está equivocada, segundo Nogueira, por um simples motivo: “Nós não sabemos muito sobre o que teria sido o cristianismo primitivo”¹⁸. Afinal, tudo que temos são escritos pontuais, mas nenhuma descrição minuciosa sobre a organização e as crenças comuns às comunidades. Aliás, mesmo a ideia de que os textos tenham comunidades por trás deles é hipotética. Alguns textos podem simplesmente ter sido escritos por autores isolados, pensando de forma individual as crenças que aprendeu. Entre tantas hipóteses, querer que os textos canônicos tenham supremacia inquestionável sobre os apócrifos ou, em outra ordem, que os apócrifos sejam considerados espúrios, tal como os Pais da Igreja os consideraram, é uma postura no mínimo ortodoxa e motivada tão somente pelos critérios a posteriori que a igreja definiu para estes textos.

Por este motivo, para o debate sobre o tema seja produtivo, deve haver um reconhecimento de que a terminologia “canônico” e “apócrifo” é resultado de um movimento acadêmico, influenciado pela normatividade eclesial. Mas é possível uma aproximação diferente dos textos apócrifos, desde que se tenha essa abertura de princípio, que chamaremos aqui de *apocrificidade*. Um exemplo está em duas diferentes abordagens do mesmo tema: Moisés como tipo em Mateus.

O artigo de Kenton L. Sparks, “Gospel as conquest: Mosaic Typology in Matthew 28:16-20” (Evangelho como conquista: tipologia mosaica em Mateus 28:16-20), é um exemplo de uma abordagem tradicional do tema. Sparks fala da dificuldade de comparar Jesus com sua pregação da não-violência com a trajetória genocida de Moisés, conforme retratada no Pentateuco. Sendo assim, para Sparks a imagem de Moisés em Mateus é um espelho do Moisés retratado nos primeiros livros da Bíblia Judaica.

Ele consegue fazer essa associação pela comparação textual de Mt 28.20 (“eis que estou convosco”) com vários trechos de Gênesis onde Deus promete estar com as pessoas chamadas por ele, em que afirma “Eu serei contigo”. Também relaciona o fato de Moisés declarar a vontade de Deus de cima de uma montanha, com a imagem de Jesus se despedindo de seus discípulos também de uma montanha, anunciando o evangelho para “todas as nações”.¹⁹ (SPARKS, 2006, s/p.)

¹⁷ Ibid, p. 25

¹⁸ Ibid.

¹⁹ SPARKS, Kenton L. Gospel as Conquest: Mosaic Typology in Matthew 28:16-20. In: **The Catholic Biblical**

Em contrapartida temos Paulo Roberto Garcia, no texto “Imagens de Moisés e Jesus no Evangelho de Mateus”, que analisa a tipologia mosaica numa perspectiva totalmente diferente: o Moisés de Mateus não é o do Pentateuco, mas dos escritos judaicos do Segundo Templo, como *Ascensão de Moisés*. Segundo ele, o relato da transfiguração tem diversos elementos que mostram Jesus e Moisés numa descrição angelomórfica no estilo dos textos judaicos apocalípticos (GARCIA, 2011, pp.42-43). Com isso, ele quebra o princípio de que somente o Antigo Testamento responde o Novo Testamento. Ou seja, faz uma aproximação “apócrifa” do texto canônico, não apenas citando como fonte um pseudepígrafo, mas demonstrando que o imaginário do autor de um texto canônico reflete imagens e ideias oriundas desse material, que é considerado apócrifo.

O que isso aponta? Que é possível ter diferentes maneiras de explicar o Novo Testamento, dependendo da forma como se relaciona a intertextualidade e as imagens transmitidas no texto. O que diferencia as abordagens é que na primeira temos o antigo estereótipo de relacionar uma imagem do Novo Testamento diretamente ao Antigo Testamento canônico. No segundo caso, no entanto, esta abordagem permitiu que se percebesse na imagem de Moisés transmitida em Mateus uma figura relacionada a textos não canônicos.

Esse princípio de um olhar sem juízo prévio de valor do texto poderia ser o início do método é o que chamamos de *apocrificidade*²⁰. Tendo a apocrificidade como princípio de aproximação dos textos é possível pensar no texto como uma teia de relações dentro e fora dele, independente da forma como ele seja concebida posteriormente. O texto não tem em si mesmo o caráter de apócrifo ou canônico; o que permanece nele é a tentativa de retratar a realidade e ao mesmo tempo criar seu próprio mundo textual. Apocrificidade se torna assim uma chave de leitura.

Paulo Nogueira antecipa algumas teses relacionadas aos apócrifos, que tornam a apocrificidade não apenas uma possibilidade de leitura destes textos, mas uma chave para aprofundar os estudos do próprio Novo Testamento: (a) pensar o cristianismo primitivo como uma rede de linguagem, na qual existiam redes textuais dinâmicas, relativizando o peso de listas canônicas. Isso fica evidente na relação intertextual que estes textos podem ter; (b) observar o objetivo dos escritos a partir dos gêneros literários, em que gêneros clássicos são adaptados e se tornam gêneros híbridos (como o caso dos evangelhos); (c) ampliar o estudo da semântica do cristianismo primitivo, cuja formação e estruturação se torna mais visível

Quarterly, v. 68, n. 4, p.651-63, 2006.

²⁰ Este conceito, adotado neste artigo e empregado na obra de Paulo Augusto de Souza Nogueira, foi cunhado pela primeira vez por Pierluigi Piovanelli, no artigo “What is a Christian Apocryphal Text and How Does It Work? Some observations on Apocryphal Hermeneutics”, de 2005. Neste artigo ele procura explicar o que caracteriza os textos apócrifos, em um processo de recepção e hermenêutica contínua do cristianismo.

quando incluímos os textos apócrifos; (d) o estudo ampliado desses materiais permite perceber o cristianismo primitivo como promotor de discursos e aumenta a duração de tempo a ser analisado, o que é importante em se tratando de um sistema de ideias e crenças (história de longa duração); (e) a partir da história cultural, pode-se pensar categorias mentais constituintes do imaginário social. Aqui se destacam elementos visuais, cenas do grotesco e do bizarro, que normalmente eram desprezadas pela pesquisa tradicional. A ficcionalidade se torna instrumento para retratar a realidade e as crenças; (f) ao estudarmos estes elementos de longa duração e maior amplitude, conseguimos perceber o desenvolvimento dos complexos culturais formadores da cultura ocidental. Isso é especialmente verdade quando se pensa na religiosidade medieval, cuja base está nos materiais mais antigos; (g) o estudo deste sistema de linguagem deve ir além do tempo apostólico, pensando no cristianismo primitivo como um período de alguns séculos, em que textos de diferentes vertentes – inclusive daqueles que ficaram conhecidos como Pais da Igreja – foram produzidos e reproduzidos.²¹

Apocrificidade como chave de leitura

Neste espaço queremos indicar algumas pistas de trabalho que podem ser úteis para a pesquisa e melhor compreensão do mundo literário do judaísmo antigo e cristianismo primitivo. Partiremos dos pressupostos levantados anteriormente, das considerações de Matthias Henze e Paulo Nogueira, tendo a apocrificidade como princípio hermenêutico. Também queremos destacar a necessidade de um olhar sem preconceções dos textos anteriores ao Novo Testamento, seja daqueles que agora fazem parte do Antigo Testamento²², seja dos muitos textos que ficaram de fora, tanto os pseudoepígrafos quanto os apócrifos.

O desafio é ler os textos do Novo Testamento sem a pré-compreensão de que são escritos canônicos. Sei que parece que isso já foi feito, afinal no séc. XIX a alta crítica idealizou uma leitura mediada pelo liberalismo teológico²³. Mas não seria um retorno ao positivismo iluminista do séc. XIX, até porque hoje os textos são estudados tendo em mente outros fatores que não eram considerados à época.

²¹ NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. **Apocrificidade**. p. 28-35

²² Para os protestantes subjaz aqui um desafio complementar e intermediário, de ler os textos deuterocanônicos do cânon católico, que para a visão protestante são considerados como apócrifos. Estes sete livros a mais do Antigo Testamento: *Judite*, *Baruque*, *Eclesiástico*, *Sabedoria de Salomão*, *Tobias*, *1 e 2 Macabeus*, além de um adendo no livro de Daniel, no capítulo 3, encontrado apenas na versão grega, foram rejeitados pelos protestantes em função destes adotarem o cânon mais restrito dos judeus. Entretanto, seguindo a mesma lógica do pseudoepígrafos, é possível perceber várias alusões do Novo Testamento a estes materiais. Apenas como exemplo podemos citar Eclesiástico 1,10 em 1Co 1.9; Sabedoria 11.23 em Rm 2.3; Sabedoria 17.2 em Mt 22.13, etc.

²³ GROSS, Eduardo. Liberalismo Teológico. In: **Dicionário Brasileiro de Teologia**, São Paulo: ASTE, 2008, p. 571ss.

No nosso caso, a ideia seria uma aproximação dos textos canônicos munidos do mesmo olhar que se tem para com os apócrifos. E interpretá-los sem a premissa de que são normativos para a fé. Essa relação parece ser relativamente fácil quando se pensa nos textos do judaísmo do Segundo Templo, afinal muitos deles são citados ou aludidos no Novo Testamento.²⁴ Mas, e quando se pensa nos textos cristãos paralelos ou posteriores aos do primeiro século, que não foram canonizados?

A descoberta da já citada biblioteca copta em Nag Hammadi deu um grande impulso no estudo dos escritos cristãos não canônicos, ao mesmo tempo em que determinou uma interpretação negativa destes textos, pois associou-os a uma comunidade de fé gnóstica, cujos ensinamentos eram considerados falsos ou heréticos quando comparados às doutrinas dos textos canônicos. De fato, trata-se de um conjunto de textos com certa afinidade temática. Mas o que os vincula à biblioteca é muito mais o fato de estarem em copta do que a unidade de temas. E o fato de serem gnósticos não deveria indicar uma relação de recusa ou desprezo a esses textos, ainda que o gnosticismo tivesse caráter sectário. No fim das contas, era outra vertente do judaísmo ou do cristianismo primitivo. Sua base era a apocalíptica relida com forte teor helenístico, numa interpretação dos textos canônicos por uma ótica diferente.

Por outro lado, muitos outros textos cristãos surgiram em outros lugares, em diversos idiomas antigos, em especial em grego ou latim, criando novas narrativas ou recontando fatos tratados nos primeiros textos, mais ou menos seguindo a lógica do que aconteceu com boa parte da literatura judaica do período do Segundo Templo. Os estudos sequenciais desses textos mostram uma grande diversidade de temas e enredos, ainda que reunidos em gêneros consagrados desde o século I d.C., como evangelhos, atos, e apocalipse.

Diante da grande variedade de textos e abordagens é muito complicado manter o paradigma de leitura dos textos canônicos de forma diferente ou privilegiada em relação aos não canônicos. A concepção de autoridade do texto precisa ser relativizada para permitir essa aproximação. Mais que isso, é preciso mudar de uma imagem de um cristianismo uno que tinha diversas expressões para uma diversidade una.

Crossan é um dos pesquisadores da atualidade que estuda os evangelhos não canônicos ao lado dos canônicos sem estabelecer uma prioridade de uns pelos outros, em sua pesquisa do Jesus histórico. Ele considera que algumas tradições reportadas nos textos não canônicos vêm de tradições independentes e que não podem ser desprezadas em sua legitimidade. Em função disso ele explica sua opção:

²⁴ Basta ver o caso da *Epístola de Judas*, que cita *1 Enoque* e a *Ascensão de Isaías*, o caso já citado da imagem de Moisés em Mateus, ou ainda a referência de *Hebreus* aos mártires no capítulo 11, falando daqueles que foram serrados ao meio, uma referência apócrifa à morte de Isaías, apenas para citar alguns textos.

Uso deliberadamente termos neutros para descrever dois conjuntos de evangelhos. Uso *intracanônico* e *extracanônico* em vez de palavras com mais juízo de valor, como *canônico* e *apócrifo* ou *ortodoxo* e *herege*. Não é questão de quais evangelhos são considerados mais religiosamente significativos ou teologicamente válidos, por mim ou por qualquer outra pessoa. É apenas uma tentativa de lidar com todas as provas históricas honesta e cuidadosamente.²⁵

Isso nos leva à importante conclusão de que os textos não canônicos podem ser lidos não apenas como curiosa literatura cristã antiga, mas como expressão genuína de um cristianismo diverso, não dogmático ou institucionalizado. Ou ainda, como expressão de uma fé cristã popular não amarrada à ortodoxia. Em contrapartida, os textos canônicos devem ser despidos de sua aura dogmática e inquestionável, pois também eles refletem o cristianismo pré-institucional. Por isso é necessário indicar uma metodologia que tenha a apocrifidade como eixo. Tendo em vista, então, os aspectos acima, aponto aqui algumas pistas práticas, sujeitas a questionamento, melhoramento e ampliação, sobre como trabalhar metodologicamente com o conceito de apocrifidade, tendo em vista os escritos cristãos intracanônicos e extracanônicos, usando a linguagem de Crossan:

a) *Estudar livro a livro, analisando a relação de intertextualidade com outros textos, sem uma relação imediata de dependência literária ou uso de fonte.* Apesar dos gêneros poderem ser agrupados, não se pode associa-los indiscriminadamente. O gênero *Acta Apostolorum* (Atos dos Apóstolos) mostra isso de modo bastante direto, quando comparamos os diferentes textos. Os *Atos de Tomé*, quando comparados aos *Atos de Paulo e Tecla* ou aos *Atos de João*, por exemplo, mostram conteúdos distintos que indicam diferentes inspirações e cosmovisões. Ou seja, o fato de haverem vários livros com o mesmo gênero não indica que façam parte de um mesmo movimento, grupo literário ou proposta doutrinária.

b) *Ler um texto não canônico com as mesmas perguntas que se faria a um canônico, e vice versa.* Em geral os textos canônicos são abordados procurando seu *Sitz im Leben*, motivações, comunidade e momento histórico que o gerou. Resultado de décadas de método histórico-crítico. Já os textos apócrifos são analisados em sua construção literária, observando-se os temas que apontam, o mundo que criam ou retratam, considerando de antemão a ficção – ou ficcionalidade, conceito caro a Wolfgang Iser, como demonstrado em seu artigo “Ficcionalización: la dimensión antropológica de las ficciones literarias” – como

²⁵ CROSSAN, John Dominic. **O Nascimento do Cristianismo**. O que aconteceu nos anos que se seguiram à execução de Jesus. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 150

elemento comum e imprescindível para sua elaboração. Uma abordagem a partir da apocrificidade deveria permitir a subversão de métodos de leitura desses grupos de textos. Buscar o *Sitz im Leben*²⁶ de um texto não canônico, por exemplo, enquanto pensar na ficcionalidade presente nos textos canônicos.

c) *analisar até que ponto um gênero vincula tematicamente diferentes textos, e como um gênero pode influenciar outro.* A discussão sobre gênero nos evangelhos, por exemplo, precisa ser feita para além dos textos produzidos canonicamente. Um caso curioso para esta discussão é o Evangelho de Nicodemos, que está atrelado aos Atos de Pilatos (também conhecido por alguns como Evangelho de Pilatos). Num mesmo texto temos dois gêneros maiores (evangelho e atos), indicando uma liberdade hermenêutica até mesmo na escolha do gênero a ser adotado e sua relação com o texto desenvolvido. Isso indica que gênero e conteúdo podiam estar numa relação dinâmica e fluída, e não como prescrição mecânica. Basta ver o caso do Apocalipse canônico. É considerado como gênero apocalipse, mas em seu conteúdo tem diversos elementos do gênero epístola, especialmente no começo e no fim do livro.

d) *por fim, reconhecer os textos como artefatos culturais, num sistema de circularidade tal que permita a reprodução, ampliação e revisão dos materiais, independente de sua aceitação ou não pela ortodoxia.* Entra aqui dois conceitos que podem ser desdobrados e aplicados na leitura de textos judaicos e cristãos antigos: memória cultural (Jan Assmann, 2008) e semiosfera (Iúri Lotman, 1992). Nestes conceitos estão presentes aspectos que explicam a intertextualidade, o fato de alguns textos estarem no centro enquanto outros ficam na periferia da cultura, e a compreensão dessa dinâmica de produção cultural que não se limita àquilo que a instituição indica como correta ou aceitável. E neste caso os textos devem ser entendidos como reprodução de ritos, crenças, celebrações e valores que foram de alguma forma institucionalizados, ou aceitos por alguns grupos, ainda que de menor expressão.

Conclusão

Em nossa apresentação do conceito de apocrificidade tentamos provocar, mais que

²⁶ Ainda que hoje já exista um forte questionamento ao conceito tradicional de *Sitz im Leben*, desde que Samuel Byrskog procurou uma nova abordagem para o conceito, no artigo “A New Quest for the ‘Sitz im Leben’: Social Memory, the Jesus Tradition and the Gospel of Matthew”. Este conceito também foi usado por mim na pesquisa dos Evangelhos Sinóticos.

definir, uma nova aproximação metodológica entre textos canônicos e não canônicos. Mesmo assim, caímos na armadilha de tentar definir conceito e método. Pensando nas possibilidades que o estudo de pseudepígrafos e apócrifos possam trazer no avanço do estudo do judaísmo antigo e do cristianismo primitivo, resta-nos buscar colocar em prática exercícios de leitura com a chave da apocrifidade, para ver que resultados ela nos trará. Se a apocrifidade for usada continuamente, a exemplo do que alguns pesquisadores já têm feito, ela mesma demonstrará que abordagens podem ser mais adequadas ou eficazes na leitura de textos canônicos e não canônicos.

Evidenciando aqui estas possibilidades, podemos imaginar outros campos onde esta chave pode ser aplicada: a leitura das produções kardecistas a respeito da Bíblia e do cristianismo, para perceber suas interações; uma revisão na obra de Ellen G. White a respeito do Apocalipse, procurando entender seu método e proposta de interpretação; novas percepções a respeito de crenças e práticas da cristandade medieval, notadamente vinculadas a diferentes tradições, muitas delas de textos apócrifos, e por aí vai. Ou seja, a apocrifidade não precisa parar no âmbito dos textos antigos, mas pode se tornar uma chave de leitura para os textos de recepção que não representam o que chamamos de cristianismo tradicional.

Como ponto de partida, no entanto, podemos ter em mente uma questão mais básica: aplicar este princípio hermenêutico e verificar se de fato ele pode nos responder à grande questão que Matthias Henze nos faz: como os textos apócrifos e pseudoepígrafos podem mudar a leitura dos textos canônicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMÉRICO, Ekaterina Vólkova. **O conceito de fronteira na semiótica de Iúri Lotman.** Bakthniana, São Paulo, v. 12, n. 1, 2017, p. 5-20.

BYRSKOG, Samuel. **A New Quest for the ‘Sitz im Leben: Social Memory, the Jesus Tradition and the Gospel of Matthew’.** New Testament Studies, v. 52, n. 3, 2006, p. 319-336.

CARNEIRO, Marcelo. **Os Evangelhos Sinóticos.** Origens, memória e identidade. São Paulo: Fonte Editorial, 2016.

CROSSAN, John Dominic. **O Nascimento do Cristianismo.** O que aconteceu nos anos que se seguiram à execução de Jesus. São Paulo: Paulinas, 2004.

GARCIA, Paulo Roberto. Imagens de Moisés e Jesus no Evangelho de Mateus. In: **Teologia Wesleyana, Latino-Americana e Global.** Uma homenagem a Rui de Souza Josgrilberg. São Paulo: Editeo, 2011.

GROSS, Eduardo. Liberalismo Teológico. In: **Dicionário Brasileiro de Teologia,** São Paulo: ASTE, 2008.

HENZE, Matthias. **How do the Old Testament Pseudepigrapha Change the Way We Read Early Jewish Literature?** Some Programmatic Considerations. Handout da apresentação ao

Seminário Oracula, Universidade Metodista de São Paulo, 2015. Texto não publicado.

ISER, Wolfgang. **Ficcionalización**: la dimensión antropológica de las ficciones literárias. *Cyber Humanitatis*, n. 31, 2004, s/p.

KOESTER, Helmut. **Introdução ao Novo Testamento**. vol 1. História, cultura e religião do período helenístico. São Paulo: Paulus, 2005.

LIÃO, Ireneu de. **Contra as Heresias**. Denúncia e refutação da falsa gnose. 2ª ed. São Paulo: Paulus, s/d.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. **Apocrificidade**. O Cristianismo Primitivo para além do Cânon. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.

PIOVANELLI, Gianluigi. **What is a Christian Apocryphal Text and How Does It Work?** Some observations on Apocryphal Hermeneutics. *Nederlands Theologisch Tijdschrift*, v. 59, 2005, p. 31-40.

SPARKS, Kenton L. Gospel as Conquest: Mosaic Typology in Matthew 28:16-20. In: **The Catholic Biblical Quarterly**, v. 68, n. 4, p. 651-63, 2006.